

## Resenha

---

PODE O SUBALTERNO FALAR?, DE GAYATRI CHAKRAVORTY SPIVAK. Belo Horizonte: Editora UFMG, 133p., 2010 [1985]. Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.

Nascida na Índia e radicada nos Estados Unidos, graduada em inglês em seu país natal e pós-graduada em literatura em Cornell, Gayatri Chakravorty Spivak publicou *Pode o subalterno falar?* em 1985. Originalmente um artigo, agora ele é apresentado ao leitor de língua portuguesa sob a forma de um pequeno livro, situado em uma coleção voltada inicialmente para estudantes e professores de Letras. Tal coleção já conta com os excelentes *Sobre a tradução*, de Paul Ricoeur, e *Torre de Babel*, de Jacques Derrida (Ricoeur, 2011 [2004]; Derrida, 2002). Porém, a qualidade e a magnitude dos temas neles discutidos ultrapassa em muito um público específico.

Não podia ser diferente. Afinal, o material básico e incontornável das Ciências Humanas não é outro senão o *texto*, a *narrativa*, a *escritura*. Por diversas razões, cremos que o movimento conhecido como *linguistic turn* poderia ter produzido efeitos mais fecundos, não fossem os excessos perpetrados tanto por seus representantes quanto por seus críticos (White, 1995 [1973], 2001 [1978]; Chartier, 2002; Aróstegui, 2006). De qualquer forma, atualmente as Ciências Humanas estão muito mais atentas ao fato de que a construção textual é, em si, parte crucial daquilo que se pretende explicar, e não apenas o *meio* pelo qual se exprime a reflexão. No interior das Humanidades, pensa-se com *palavras* muito mais que com fórmulas e algoritmos. Portanto, a "realidade" aludida pelas Ciências Humanas, bem como sua subsequente compreensão, passa necessariamente pelo texto, pelo discurso. Este, já o sabemos, é uma prática, uma ação, uma forma particular de *intervir no mundo* (Porto-Gonçalves & Ribeiro, 2011). Logo, não é possível dissociá-lo da vida

política, nem tampouco dos aspectos culturais, sociais e geográficos que o conformam. Nesse sentido, as noções de *epistemologia territorial* e *geopolítica do conhecimento*, elaboradas por Walter D. Mignolo, sintetizam bem a questão (Mignolo, 2003 [2000]).

Evidenciamos tais feições para fazer emergir não apenas o foco central do texto de Spivak, mas, também, aquilo que nos interessa mais de perto: a tessitura epistêmica que caracteriza as Ciências Humanas. Spivak é uma das principais personagens do rico "movimento" conhecido como *pós-colonialismo* que, em linhas gerais, pretende interrogar os fundamentos da ciência e da filosofia européias à luz das experiências e dos saberes provenientes dos sujeitos subalternos dos territórios coloniais.

Assim, a interrogação que intitula seu ensaio atinge o cerne das Humanidades: a apreensão do *Outro* a partir de referenciais culturais distintos daquele a ser analisado. Seu argumento, e, como um todo, o do pós-colonialismo, aponta a incongruência de tentar explicar o *mundo* a partir de um ponto de vista *européu*. É neste contexto que se inscreve a pergunta que nomeia o ensaio: *Pode o subalterno falar?* No limite, Spivak sustenta que "o Outro como Sujeito é inacessível para Foucault e Deleuze" (Spivak, 2010:54 [1985]). Em uma bela passagem, lê-se que:

"É impossível para os intelectuais franceses contemporâneos imaginar o tipo de Poder e Desejo que habitaria o sujeito inominado do Outro da Europa. Não é apenas o fato de que tudo o que leem — crítico ou não — esteja aprisionado no debate sobre a produção desse Outro, apoiando ou criticando a constituição do Sujeito como sendo a Europa" (idem, p.45-46).

Ainda que não o diga explicitamente, para Spivak o único universal possível é o que diz respeito à *exploração* cometida pelo capitalismo. Eis aqui a operação epistemológica que, de um único golpe, *blinda e reabilita* o materialismo histórico-dialético, isentando-a de inquirir o marxismo com a mesma veemência com que procede em relação às outras metanarrativas modernas. Mesmo quando assevera que "o *sujeito* subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo" (ibidem, p.57), ela não se questiona se tal proposição enquadra-se, a contento, na perspectiva da luta de classes. Pelo

contrário. Logo no início do artigo, ela indica que "uma descentralização ainda mais radical do sujeito é, de fato, implícita tanto em *Marx* quanto em Derrida" (ibid., p.20, grifo nosso). Cumpre lembrar que o texto em tela foi escrito ainda em tempos de Guerra Fria — o que, em parte, explica o tom do seu diálogo com o marxismo, tal como podemos constatar nas menções a Louis Althusser e ao conceito de ideologia, por exemplo.

Escrito há quase trinta anos, ler um ensaio como esse é uma rica experiência para os interessados em história das idéias sob a égide da *política*. Mostra-nos o quanto o pós-colonialismo é tributário do marxismo e, ao mesmo tempo, o quanto aquele avançou em relação a este. E, sem contradição alguma, revela que o pós-colonialismo também deve muitas de suas abordagens aos intelectuais ditos pós-estruturalistas como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida e, notadamente, Michel Foucault — principais interlocutores de Spivak. A semelhança epistemológica de recentes trabalhos pós-coloniais em relação a textos programáticos como *A ordem do discurso*, por exemplo, é indiscutível (Foucault, 1971).

Hoje, isto apresenta-se como algo muito mais claro que outrora, pois, entre outros motivos, o marxismo não possui mais o monopólio da crítica social. Todavia, também é notória a distinção entre autores afro-asiáticos e latino-americanos e autores europeus (vide Lander, 2005 [2000]). Uma expressão tão eloquente e poderosa quanto *violência epistêmica* (Spivak, 2010:47 [1985]) dificilmente seria concebida no seio da filosofia do "Velho" Continente. Nesse sentido, é notável o esforço epistemológico do português Boaventura de Sousa Santos na direção de *descolonizar o pensamento* (Santos & Meneses, 2010). Um *tournant* como este passa, de maneira incontornável, por "questionar o lugar do investigador" (Spivak, 2010:19 [1985]).

Por estas e outras razões, a leitura de Spivak continua bastante atual. Sua obra (ver, por exemplo, Spivak, 1996, 1999) encarna uma bela agenda político-epistemológica para aqueles interessados na construção de perspectivas plurais e libertárias para as Humanidades no século XXI.

*Resenha por Guilherme Ribeiro*

*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*

## Referências Bibliográficas

- ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: Teoria e Método*. Bauru: EDUSC, 2006 [2001].
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia. A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais: Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005 [2000].
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Pensamento Liminar e Saberes Subalternos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003 [2000].
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; RIBEIRO, Guilherme. Partilhando versões sobre ciência e política. In: HISSA, Cássio E. Viana. (Org.). *Conversações: de artes e de ciências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: Editora da UFMG (2011 [2004]).
- SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *A critique of postcolonial reason. Toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press (1999).
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *The Spivak reader*. Edited by Donna Landry and Gerald Maclean. London: Routledge (1996).
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]).
- WHITE, Hayden. *Meta-História: a Imaginação Histórica do Século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1995 [1973].
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001 [1978].